

Participação infantil no cotidiano de uma comunidade quilombola: aprendendo com os líderes

Participación de los niños en la vida cotidiana de una comunidad aislada: aprendiendo de los líderes

Resultado de investigação finalizada

GT 22 - Subjetividades e identidades coletivas

Anna Maria Lunardi Padilha¹
Viviane Luiz²

Resumo:

O presente trabalho, desenvolvido na Comunidade Negra Quilombo Ivaporunduva, Vale do Ribeira, no Brasil, buscou compreender, a partir dos enunciados das crianças que vivem nessa comunidade, como elas significam sua história e a história de seu povo, bem como de que maneira são significados seus conhecimentos pelos narradores adultos da comunidade. A metodologia adotada, de cunho etnográfico, foi o acompanhamento do cotidiano dessa comunidade e de suas crianças estabelecendo relações entre seus enunciados e o processo educativo desenvolvido por seus membros adultos. As crianças conhecem fatos da história do Quilombo Ivaporunduva, sentem-se membros da comunidade, falam do que ouvem de seus membros adultos demonstrando que se apropriaram das palavras de seus pais e avós.

Palavras-chave: Identidade quilombola; atores sociais; narrativas infantis

Resumen:

Este artículo presenta los resultados de una encuesta realizada en la Comunidad Negro Quilombo Ivaporunduva ubicada en el Vale do Ribeira, Brasil. De las declaraciones de los niños que viven en esta comunidad buscamos entender cómo se han manifestado su historia y la historia de su pueblo y su conocimiento son significados por los narradores adultos de la comunidad. La metodología etnográfica implica acompañar todos los días a esta comunidad y sus hijos mediante el establecimiento de las relaciones entre los estados y el proceso educativo desarrollado por los adultos. Los niños informaron tener conocimiento de los hechos de la historia Quilombo Ivaporunduva, se sienten miembros de la comunidad hablan lo que escuchan de sus miembros adultos. Se han apropiado de las palabras de sus padres y abuelos.

Palabras clave: Identidad quilombola; actores sociales; narraciones infantiles.

I. Introdução

¹ Docente do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba, SP. Brasil.anapadi@terra.com.br

² Mestre em educação e docente do Grupo Educacional UNIESP, Campinas, SP. Brasil vianeluiz@yahoo.com.br

As questões levantadas dizem respeito à história e à dinâmica social da comunidade Quilombo Ivaporunduva, buscando compreender através dos enunciados de suas crianças como elas significam sua história e a história de seu povo, bem como de que maneira são significados seus conhecimentos pelos narradores adultos da comunidade.

O problema consiste na compreensão das seguintes questões: 1. O que sabem as crianças da comunidade Quilombo Ivaporunduva sobre a história deste quilombo? 2. Quem lhes contou/conta a história que narram? 3. Como significam sua história e a história de seu povo? 4. Como são significados seus conhecimentos pelos narradores adultos da comunidade?

A escolha pelas crianças justifica-se por dois fundamentos: a) nas condições concretas da vida da comunidade: a preocupação da liderança local no sentido de fortalecimento dos mais jovens para a continuidade da luta pela garantia do território e b) fundamento metodológico: no Quilombo Ivaporunduva vive um número significativo de crianças, sendo que 25% do total de moradores são menores que 12 anos.

II. Aporte teórico e metodológico

Os autores(as) que constituem o aporte teórico da pesquisa são de áreas que se inter-relacionam. O caminho percorrido é o do materialismo histórico e dialético desenvolvido por Marx e Engels, dando relevância à História atrelada às histórias particulares, considerando que a relação indivíduo e sociedade não é dicotômica, mas indissociável. A macro história e a micro história se inter-relacionam e constituem o ser social e seus diversos modos de organização. Nesse sentido os autores supracitados enunciam que:

Um primeiro pressuposto de toda existência humana e, portanto, de toda história [...] [é] que os homens devem estar em condições de poder viver a fim de ‘fazer a história’. Mas, para viver, é necessário, antes de mais nada, beber, comer, ter um teto onde se abrigar, vestir-se etc. O primeiro fato histórico é, pois, a produção dos meios que permitem satisfazer essas necessidades, a produção da própria vida material; trata-se de um fato histórico; de uma condição fundamental de toda a história, que é necessário, tanto hoje como há milhares de anos, executar, dia a dia, hora a hora, a fim de manter os homens vivos (MARX; ENGELS, 1984, p. 33).

O método que assumimos possibilita compreender o movimento que foi necessário sem que tais modificações sejam consideradas erros ou equívocos teóricos. As condições de contradição são, em si mesmas, partes constitutivas dos resultados, ensina o antropólogo Silva (2000).

A metodologia adotada para o desenvolvimento da pesquisa foi o acompanhamento e a observação do cotidiano da vida em comunidade, conversando, fotografando, entrevistando, registrando e videogravando o que fazem e dizem os pequenos moradores, em uma atitude de quem lá está, mas de lá não é.

Estar com a comunidade aproxima esta pesquisa da etnografia – referindo-se tanto à forma de proceder na pesquisa de campo, como ao produto final dela, como nos explicam Ezequiel e Rockwell (1989, p. 32): “algo que se articula com método e teoria, mas que não esgota os problemas nem de uma nem de outro”. As autoras ensinam que “a etnografia domina também um ramo da antropologia: aquele que acumula conhecimentos sobre realidades sociais e culturais peculiares, delimitadas no tempo e no espaço”. (Idem, p.33).

Segundo a abordagem enunciativo-discursiva proposta por Bakhtin (1992), a palavra se configura como uma arena de luta de classes, de confrontos de valores sociais contraditórios e antagônicos; assim sendo não será monovalente, mas plurivocal. Trazer os discursos das crianças e dos adultos da comunidade quilombola é dar certa visibilidade aos confrontos sociais, que, no caso do

Quilombo Ivaporanduva, referem-se aos que são vividos nas suas condições concretas de vida. “[...] A classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou de ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente (BAKHTIN, 1992, pp.46-47).”

III. Os quilombos e o Ivaporanduva

As comunidades de quilombos caracterizam-se pelo forte vínculo com o meio ambiente que ocupam, onde geralmente se verifica alto grau de preservação dos ecossistemas naturais. São comunidades cujas famílias sobrevivem da agricultura e do extrativismo florestal.

A origem dos quilombos está associada às formas de resistência da população negra, confrontando-se com o escravismo por meio das várias formas de resistência, tais como homicídios, rebeliões, fugas para as matas e organização de comunidades como forma de reencontrar a sua condição humana.

A quilombagem foi um movimento de rebeldia permanente organizado e dirigido pelos próprios escravos [...]. Entendemos [...] por quilombagem uma constelação de movimentos de protesto do escravo, tendo como centro organizacional o quilombo, do qual partiam ou para ele convergiam e se aliavam às demais formas de rebeldia [...]. O quilombo aparece, assim, como aquele módulo de resistência mais representativo (quer pela sua quantidade, quer pela sua continuidade histórica) que existiu (MOURA, 1992, p.23).

Hoje, os quilombolas ainda permanecem e resistem - não mais ao escravismo - mas à expropriação de suas terras. É por meio do trabalho que o homem transforma a natureza transformando-se a si próprio e produzindo sua vida, tanto no aspecto material como imaterial: constitui-se como ser social, sem *estranhamento*, do seu trabalho (Antunes, 1995). E para os quilombolas a terra é o suporte do trabalho.

Ivaporanduva tem sua origem no século XVII, pela ocupação de mineradores. Existia bem antes da Lei Áurea, quando a dona das terras, Maria Joana – uma portuguesa sem familiares no Brasil – faleceu deixando as terras para a igreja, “terra de santa”, e um grupo de negros escravizados lá permaneceu, onde estão até hoje seus descendentes e outros que mais tarde se juntaram ao grupo. “A memória separa a liberdade da *servidão*, reafirmando a condição autônoma dos antepassados, estando as relações escravistas dissociadas dos principais troncos familiares ainda residentes nos bairros”. (INSTITUTO DE TERRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO [ITESP], 2000, p.73). Possui uma área oficial de 2.754,36 hectares. As formas de uso da terra, além daquelas relativas à cobertura vegetal natural, são: as pastagens, os bananais (orgânicos e convencionais), as áreas de repovoamento do palmito Juçara e as roças de coivara. Os quilombolas são os donos coletivos dos meios de produção e a terra é o seu maior meio de produção. Hoje lutam por melhorias no comércio de seus produtos, tanto no aspecto qualitativo como no que se refere à viabilidade do escoamento.

Pelo trabalho, ao transformar a natureza, a humanidade cria novas possibilidades e necessidades objetivas. Isto significa que são as novas condições de existência objetivas que determinarão o desenvolvimento da consciência. Marx, portanto, com a descoberta do trabalho enquanto a categoria fundante do ser social, supera o idealismo de Hegel ao mesmo tempo que mantém a sua mais genial descoberta: a história é um processo feito pelos homens (LESSA; TONET, 2008, p.37).

É antiga a pressão exercida sobre essas comunidades quilombolas da região do Vale do Ribeira de Iguape para o uso ou liberação de seus territórios, que cobrem cerca de 25.000 hectares reivindicados.

Ameaças reiteradas a serem consideradas como elementos desestruturantes da vida nessas comunidades são as tentativas de implantação dos projetos de construção de usinas hidrelétricas. Primeiro, pela Companhia Energética do Estado de São Paulo (CEESP), que, já na década de 1950, fez estudos para construção, ao longo do leito do Rio Ribeira, das Barragens Itaóca, Funil e Batatal e, mais recentemente, a do Tijuco Alto, pretendida pela Companhia Brasileira de Alumínio (CBA)¹ do Grupo Votorantim.

Segue depoimento de Benedito Alves (2011) líder quilombola de Ivaporunduva conhecido como Ditão²: “Tem gente grande de olho nas nossas terras. Principalmente o empresário Antônio Ermírio de Moraes. Então, a nossa maior preocupação, hoje, é a titulação das terras.”

As crianças escutam o que diz esse líder. Vivem com ele na comunidade. Outros líderes são formados politicamente desde bem cedo. São todos muito próximos, tanto por delimitação do espaço quanto pelos laços familiares e de convivência com os adultos: na igreja, na praça, no bar, na roça, na recepção dos visitantes, na chegada de representantes do governo. Ouvem o que dizem e vão se apropriando do lugar social de onde dizem. Vão se familiarizando com as palavras que ganham sempre novos significados.

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo Art. 68, Do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, garante aos quilombolas o direito à emissão dos títulos de suas terras. Entretanto, para ver garantido esse direito, os quilombolas de Ivaporunduva precisaram seguir os trâmites legais no cumprimento das exigências necessárias para serem primeiramente reconhecidos como comunidade remanescente de quilombo e, em um segundo momento, obterem o título de suas terras registradas em cartório, por meio de um longo processo que vai desde a contratação de topógrafo até a realização de levantamento de documentação histórica para legitimá-los. Mas todo esse processo, que engloba participação local e um conjunto de ações e articulação política de organizações sociais diversas poderá ser negligenciado ou se tornar insuficiente. Podemos perguntar com Marilena Chauí (1982, p.43):

História dos ‘grandes homens’, dos ‘grandes feitos’, das ‘grandes descobertas’, dos ‘grandes progressos’, a ideologia nunca nos diz o que são esses ‘grandes’. Grandes em quê? Grandes por quê? Grandes em relação a quê? No entanto, o saber histórico nos dirá que esses ‘grandes’, agentes da história e do progresso, são os ‘grandes’ e ‘poderosos’, isto é, os dominantes, cuja ‘grandeza’ depende sempre da exploração e dominação.

IV. Aspectos intergeracionais

Não nos pareceu acertado abordar os aspectos intergeracionais dos enunciados das crianças sem que, antes, o leitor pudesse partilhar de alguns acontecimentos e concepções da vida comunitária que são: a relação entre o quilombola e a territorialidade; a religião e os festejos; a preocupação com a formação de novos líderes e os modos de viver quilombolas em contradição aos modos da sociabilidade capitalista.

Os quilombolas, tanto de Ivaporunduva como de outros quilombos, ao reportarem-se à relação que possuem com a terra, dizem que ela é a *mãe que acolhe*. Conversando sobre isso, Benedito Alves aponta o local em que sua mãe enterrou seu umbigo quando ele nasceu, e reforça que “assim como não vendemos a nossa mãe”, a terra é inegociável. Apresenta-nos o quilombo como o território da existência, morada da vida e da morte. Diz ele, na palestra realizada em 24 de junho de 2010, no Quilombo, ao receber, na comunidade, um grupo de alunos, professores e a coordenadora do curso de Pedagogia de uma faculdade do Estado de São Paulo:

“Eu não sei assim os negro que moram na zona urbana, né, que tá na cidade, como tem essa consciência da terra, né, mais a terra, sabe, pros negro dos quilombo, com raiz ali, que ficaram ali, aquela questão de seu pai, da sua mãe, dos seus avôs, eles vê a terra sabe... como uma mãe, se apegam à terra como uma mãe, respeita a terra como respeita uma mãe, porque que eles pensa assim? Porque o seu antepassado fala assim: - Meu filho, meu neto, olha! A terra, desde o começo do mundo, tudo que nós temos vem dela, tudo... calçado, roupa, certo... alimentação, isto aqui, vem da terra, o ar que a gente respira, então, e no fim da nossa vida ela recolhe nosso corpo, ela acomoda lá dentro, tendo sorte de não morrer numa área que o bicho come, mesmo que morrer dentro do mato, a terra vai absorver o seu corpo, então a terra pode ser amada como mãe, né, e quem que não respeita a mãe, né? Quem que na questão de comercialização, quem que vai vender a sua própria mãe? Então, o quilombola, ele pensa desse jeito sabe... que na terra de quilombo não pode ter loteamento, não pode pensar em comércio, porque nós temos que garantir o futuro das gerações vindouras no território, que são nossos filhos, nossos netos, daí por diante, né.

O nosso antepassado, os escravos, garantiram pra termos aqui hoje, quem que primeiro deu a cara a tapa, que morreu no meio do mato por falta de remédio, da onde ele veio, da África, é a mesma Mata Atlântica que tem aqui? É a mesma planta medicinal que tem aqui? Como é que vivia, como é que ele se curava? Como é que fazia as suas armadilhas pra caçar animal pra comer, as suas invenções, né? [...]. Então isso aí, foi um aprendizado, que tiveram que aprender na marra, aqui dentro, estavam numa terra desconhecida, estranha, atravessaram o oceano, entendeu? Então eles aprenderam a valorizar a terra, porque é de lá que veio, é de lá que veio tudo, tudo, tudo, aí vou pegar a minha terra, vou vender, vou fazer o que na cidade? É complicado isso aí...”

Suas palavras revelam os significados atribuídos pelos quilombolas ao território como locus da reprodução material e imaterial da vida; significados vinculados às peculiaridades dos modos de viver quilombola, apontando semelhanças com o modo tradicional de pensar do africano segundo o qual tudo no universo se interliga.

Nessa ótica, é impensável qualquer dissociação entre a pessoa humana e o mundo natural, uma noção abrangente que inclui a totalidade da criação: animais, vegetais e minerais. Coerentemente, mantinham-se com o espaço habitado relações de reciprocidade e de harmonia. Nessa cosmovisão, o equilíbrio com o meio ambiente não podia ser violado sob a pena de provocar, no seio das forças que sustentam a natureza, uma perturbação que se voltaria, no final das contas, contra os próprios humanos.

A sociedade tradicional africana é portadora de um conhecimento relacionado a práticas assertivas inseparáveis da sabedoria ancestral. Muitas das supostas ‘crendices’ das sociedades tradicionais africanas possuem – visto serem resultantes de um conhecimento empírico que não pode ser desprezado enquanto forma de saber sistematizado – eficácia real. Nesta aferição se enquadraria o levantamento tradicional do poder curativo das plantas e de outros elementos do meio natural. Outro exemplo seriam os procedimentos seletivos e as interdições quanto à exploração do meio ambiente (SERRANO, 2007, p.138).

As africanidades brasileiras se expressam: na relação com o meio ambiente; nas relações sociais estabelecidas; na articulação política organizada para garantir o território; nas ações grupais e coletivas que caracterizam a vida da comunidade em seus modos de exprimir a religião, a diversão, o trabalho e formas de trabalho associados a processos coletivos.

Estudar as Africanidades Brasileiras significa tomar conhecimento, observar, analisar um jeito peculiar de ver a vida, o mundo, o trabalho, de conviver e de lutar pela dignidade própria, bem como pela de todos os descendentes de africanos, mais ainda de todos que a sociedade marginaliza. Significa também conhecer e compreender os trabalhos e criatividade dos africanos e de seus descendentes no Brasil, e de situar tais produções na construção da nação brasileira (SILVA, 2001, p. 152-153).

V. Religião e diversão são “festejamentos”

Tanto na forma de exercerem a religião como na forma de se divertirem – que estão entrelaçadas –, a coletividade é presente entre os quilombolas de Ivaporunduva.

A religião preponderante é a católica, com adaptações da religiosidade afro. Uma senhora da comunidade, Dona Beneditinha, Benedita Marinho, 90 anos, e o senhor Dário são as pessoas que sabem fazer a reza do responso³. Preservam a utilização de garrafadas, benzimentos e das ervas como meios de cura. Quando celebram as festas dos santos – São Pedro, Santo Antônio e São João –, que duram dois dias cada uma, organizam-se em grupos de festeiros, membros da comunidade que se comprometem com a organização da festa. Providenciam com as famílias os comes e bebes que serão partilhados no final, que podem ser pipoca, quentão e chá quente para as crianças; compram rojões (fogos de artifício) para serem soltos lembrando os fiéis da alegria desses dias; enfeitam a igreja, a praça e os mastros. As festas religiosas (juninas) geralmente finalizam com um café comunitário e partilha de alimentos e frutos da terra: mandioca, cuscuz, biju⁴, pressada⁵, batata-doce, inhame, cará, sabaqui⁶, pipoca, bolos e pães caseiros.

Por meio da participação das crianças nas atividades desenvolvidas nos diferentes espaços de sociabilidade da vida comunitária, é possível verificar como as questões relacionadas à luta por territorialidade e direitos sociais são colocadas, abordadas e conseqüentemente apreendidas por elas, mostrando o eficiente método de socialização incluso no ideal pedagógico, visto que a educação escolar é incentivada pelos membros mais velhos. Porém a educação não está confiada apenas à instituição escolar, mas a uma vigilância difusa de toda a comunidade. Nesse sentido, o ideal pedagógico se destaca das práticas institucionalizadas, o que se pode notar no discurso dos pequenos quilombolas de Ivaporunduva que dão corpo à bandeira da luta quilombola contra a expropriação de suas terras, situação antiga e concreta de enfrentamento das comunidades tradicionais da região do Vale do Ribeira.

VI. Com a palavra, as crianças do quilombo

Em conversas e entrevistas com crianças quilombolas de Ivaporunduva é notório que repercutem gritos dos líderes da comunidade. Trazemos fragmentos das entrevistas realizadas:

Fernanda, seis anos, moradora da Vila, junto aos avós e sua tia

Fernanda mora com os avós - Benedito Alves (Ditão) e Dona Zilda. Suas palavras “não soam como um eco desencarnado, simples repetição mecânica” (Ciampa, 1987, p.111), pelo contrário, apontam suas memórias e peculiaridades de vida. Nascida em 2004, fala sobre a enchente de 1997 sem tê-la vivenciado. “A enchente foi lá no fundo de casa lá (...) sortaro a barrage”.

Nesse sentido, Hobsbawm nos ajuda a pensar:

Todo ser humano tem consciência do passado (definido como o período imediatamente anterior aos eventos registrados na memória de um indivíduo) em virtude de viver com pessoas mais velhas. [...] Ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade), ainda que apenas para rejeitá-lo. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana (HOBSBAWN, 1998, p.22).

O que sabe Fernanda sobre a história de Ivaporunduva? Quais as pistas de que seu aprendizado foi com os mais velhos da comunidade? Maurice Halbwachs, estudioso das relações entre memória e história pública, realizou uma interpretação social da memória, tratando-a como fenômeno social, amarra a memória da pessoa à memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade. (Bosi, 1994, p.55). A interpretação social da memória traz contribuições na análise dos enunciados das crianças que refratam os aspectos enraizados na memória coletiva de sua região e grupo social de origem.

Sobre a barragem Fernanda diz:

Viviane: Você acha que a barragem é coisa boa?

Fernanda: Não é bom.

Viviane: Por que não é bom?

Fernanda: Por causa que afunda tudo a casa dos outro.

Sobre a origem do Quilombo:

Viviane: Fernanda, fala para mim quem chegou aqui no quilombo primeiro?

Fernanda: Os escravo.

Viviane: E quem trouxe eles? Eles vieram sozinhos?

Fernanda: Eles vieram sozinhos.

Viviane: Você sabe alguma coisa da Maria Joana?

Fernanda: A Maria Joana mandava os escravo i... é... ele... ela... a Maria Joana, ela, ela metia o chicote nos escravo pra os escravo i achá oro pra ela aí o escravo não queria dá o oru pra Maria Joana.⁷

Viviane: E o que eles fizeram com o ouro?

Fernanda: Eles esconderam pra eles e falaram pra Maria Joana que não acharam.

Sobre a condição de moradora do quilombo:

Viviane: Você gosta de morar no quilombo?

Fernanda: Gosto.

Viviane: Por que você gosta?

Fernanda: Porque é bom, a gente se diverte muito. Brinca. Tem família.

Valdir, nove anos, morador do Córrego Grande junto a seus pais, a bisavó e suas duas irmãs mais velhas

Viviane: Você é quilombola, Valdir?

Valdir: Sô.

Viviane: E por que você é quilombola?

Valdir: Porque meus bisavós eram quilombola e meus pais também.

Viviane: E por que quilombo é quilombo? O que quilombo tem diferente da cidade?

Valdir: Aqui dá pra ouvir os som, o som dos pássaro, é... a gente se diverte muito, é muito legal.

Érik, nove anos, morador da Vila junto a seus pais e um irmão mais novo

Viviane: E você é quilombola?

Érik: Sô.

Viviane: E o que você sabe sobre barragem Érik? Você é favor ou você é contra?

Érik: É contra!

Viviane: Por quê?

Érik: Por que barragedistrói tudo a nossa casa, leva tudo a nossa cumida, nosso alimento, leva as coisa da gente.

Viviane: E o que é barragem?

Érik: Barrage é um negócio qui, de lá... Antonumílio⁸[ele ri] ele, ninguém gosta que ele sórti a barrage se não vai distruítuda nossa casa.

Viviane: E ele sabe disso?

Érik: Sabe.

Viviane: E ele quer mesmo assim fazer a barragem?

Érik: Ele, ele quésortá a barragemai ninguém... tudo mundo tá lutano que ele num sórte.

Viviane: Quem que está lutando?

Érik:Ué....! Tudo nói da comunidade aqui!

As palavras das crianças quilombolas foram se constituindo nas relações sociais cotidianas, em meio à educação difusa e ao eficiente método de socialização incluso no ideal pedagógico. Não se trata de mera repetição das palavras dos adultos, mas de interpretação. Apropriando-nos dos ensinamentos de Bakhtin (1997), entendemos que na medida em que as crianças de Ivaporunduva usam as palavras dos adultos numa situação determinada, com uma intenção discursiva, tais palavras já se impregnam de suas próprias expressividades; são, agora, palavras suas.

Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. [...] Os sujeitos não ‘adquirem’ sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência (BAKHTIN, 1981, p. 108).

Parece-nos que a educação difusa, bem como a tradição oral africana padece de uma incompreensão, pois frequentemente ao nos depararmos com escritos elucidativos é notória a prerrogativa de certo esvaziamento didático-pedagógico em suas proposições. Nesse sentido vale a seguinte elucidação:

Fundada na iniciação e na experiência, a tradição oral conduz o homem à sua totalidade e, em virtude disso, pode-se dizer que contribuiu para criar um tipo de homem particular, para esculpir a alma africana. Uma vez que se liga ao comportamento cotidiano do homem e da comunidade, a ‘cultura’ africana não é, portanto, algo abstrato que possa ser isolado da vida. Ela envolve uma visão particular do mundo, ou, melhor dizendo, uma *presença* particular no mundo –

um mundo concebido como um Todo onde todas as coisas se religam e interagem (HAMPATÉ BÂ , 2010, p. 168).

A ideia deste texto é caminhar a contrapelo desse viés e apontar as contribuições que as comunidades tradicionais quilombolas podem suscitar às práticas pedagógicas formais, mediante a eficiência de seu método de socialização decorrente da não dicotomia entre viver e aprender. Esse é o desafio da escola da atualidade, propor uma articulação entre teoria e prática, aliar o ensino à vida concreta naquilo que é concernente à função da escola, ou seja, permitir aos escolares a apropriação dos conhecimentos sistematizados pela humanidade.

VII. Conclusão

No Quilombo de Ivaporunduva a história cultural está fundamentada nas interações intra e entre famílias e comunidades quilombolas irmãs. As conversas com as crianças revelaram que elas conhecem fatos da história do Quilombo Ivaporunduva, sentem-se membros da comunidade, falam do que ouvem de seus membros adultos, e que não querem a construção da barragem. Apropriam-se das palavras de seus pais e avós. Seus conhecimentos são menos escolarizados e mais constituídos nas relações com os mais velhos e na mediação com os enunciados de luta e organizações sociais pela territorialidade evidenciados na dinâmica social e historicidade quilombola. Tais interações constituem processos educativos associados às africanidades brasileiras e ao eficiente método de socialização proveniente da educação difusa e da tradição oral, sendo esta última explicitada da seguinte forma:

A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados (HAMPATÉ BÂ, 2010, p.168).

VIII. Referências

- ANTUNES, R. (1995) *Adeus ao trabalho?* 3. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas.
- BAKHTIN, M. V. (1981/1992) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 6 ed. São Paulo: Hucitec.
- BAKHTIN, M. V. (1992/1997/2000) *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BOSI, E. (1994) *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense.
- CHAUI, M. (1982) *O que é ideologia*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense.
- EZPELETA, J & ROCKWELL, E. (1989) *Pesquisa participante*. 2. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados.
- HAMPATÉBÂ. (2010) A. A tradição viva. In: Ki Zerbo Joseph. (org.). *História geral da África I: metodologia e pré-história da África*. 2. ed. Brasília: UNESCO.
- HELLER, A. (2008) *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra.
- Hobsbawm, E. J. (1998) *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras.
- INSTITUTO DE TERRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. (2000) *Negros do Ribeira*. São Paulo: Procuradoria da República no Estado de São Paulo/Ministério Público Federal.
- LESSA, S; TONET, I. (2008) *Introdução à filosofia de Marx*. São Paulo: Expressão Popular.

MARX, K.; ENGELS, F. (1984) *A ideologia alemã*. Trad. José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. 4. ed. São Paulo: Hucitec.

MOURA, C. (1992) **Quilombos**: Resistência ao escravismo. 3. ed. São Paulo: Ática.

SANTOS, M. (2007) *O espaço do cidadão*. São Paulo: EDUSP.

SERRANO, C; WALDMAN, M. (2007) *Memória D'África*: A temática africana em sala de aula. São Paulo: Cortez.

SILVA, V. G. (2000) *O antropólogo e sua Magia*: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

SILVA, P.B.G. (2001) Aprendizagem e Ensino das Africanidades Brasileiras. In: Munanga, K. (org.). *Superando o racismo na escola*. 3. ed. [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental.

¹ A Usina Hidrelétrica de Tijuco Alto (UHE Tijuco Alto) é um empreendimento planejado pela Companhia Brasileira de Alumínio (CBA), uma das empresas do Grupo Votorantim, para aumentar a oferta de energia elétrica para seu complexo metalúrgico localizado na cidade de Alumínio, antiga Mairinque, no interior de São Paulo. A localização da UHE Tijuco Alto está prevista para o alto curso do rio Ribeira de Iguape, na divisa dos Estados de São Paulo e Paraná, cerca de 10 quilômetros a montante da cidade de Ribeira (SP) e Adrianópolis (PR), e a aproximadamente 333 km de sua foz, no complexo Estuarino-Lagunar de Iguape-Cananeia-Paranaguá.

² Benedito Alves é Vice-Presidente do Comitê de Bacia Geográfica do Rio Ribeira de Iguape e Presidente da Equipe de Articulação e Assessoria das Comunidades Negras do Vale do Ribeira (EAACONE). Ele e seu compadre José Rodrigues da Silva (conhecido como Zé Rodrigues e Zé Preto) são reconhecidamente lideranças quilombolas engajadas na luta por direitos sociais das comunidades negras rurais desde a década de 1970, e desde a década de 1980 pelos direitos dos quilombos. José Rodrigues da Silva foi eleito vereador do município de Eldorado em 2008.

³ Consiste de uma oração feita por uma pessoa dotada de dom. O orador realiza a oração a favor de alguém que tenha perdido algum objeto. Após a realização da reza, é só aguardar os dias determinados pelo orador que o objeto aparece novamente. Ultimamente apenas o senhor Dário faz a reza por conta da idade avançada e debilidade física (encontra-se acamada) de Dona Beneditinha.

⁴ Biju ou beju é um alimento assado à base de goma da tapioca ou da farinha de mandioca, enrolado na folha da bananeira.

⁵ Alimento típico, feito um bolo, à base de farinha de mandioca.

⁶ Alimento típico feito à base de arroz socado.

⁷ Fernanda e outras crianças da comunidade relataram que o ouro achado foi enterrado e/ou escondido na igreja.

⁸ Refere-se ao empresário brasileiro Antônio Ermírio de Moraes.